

TIPOLOGIA DOS COMPLEMENTOS VERBAIS DO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

Sebastião Expedito IGNÁCIO*

RESUMO: A partir de um "corpus" constituído por cerca de 20.000 frases da língua escrita do português contemporâneo, incluindo textos literários e científicos dos últimos 34 anos (1950 a 1984), propôs-se uma reclassificação dos complementos verbais, com base nas suas relações sintático-semânticas com o verbo, núcleo central da estruturação frasal. Tenta-se, assim, demonstrar que a frase portuguesa se estrutura segundo uma gradação de participantes (complementos verbais), que se distribuem por três níveis ou graus, e que tais participantes se realizam segundo uma hierarquia com relação aos seus papéis semânticos.

UNITERMOS: Complementos verbais; participantes; dinâmica do processo verbal; movimento verbal; ação; processo; recepção; percepção; sensação; estado; mudança de estado; caso semântico.

O presente artigo sintetiza uma parte de nossa tese sobre a tipologia dos complementos verbais do português contemporâneo, apresentada em 1985 ao Departamento de Linguística do ILCSE, UNESP, "Campus" de Araraquara, para o concurso de livre-docência em Língua Portuguesa. Trata-se de uma proposta de reclassificação dos complementos verbais segundo as suas relações sintático-semânticas com o verbo, elemento central na estruturação da frase. Para tanto, partimos da classificação dos verbos segundo a presença/ausência de uma *dinâmica* ou *movimento* do processo verbal, e segundo as relações entre o verbo e os argumentos, estes denominados aqui *participantes*. Dessa forma foram os verbos distribuídos em 7 classes, conforme indique (i) AÇÃO, (ii) RECEPÇÃO, (iii) PROCESSO, (iv) AÇÃO-PROCESSO, (v) PERCEPÇÃO ou SENSACÃO, (vi) ESTADO e (vii) MUDANÇA DE ESTADO, enquanto os participantes foram distribuídos por 3 níveis, segundo o *grau de previsibilidade* (hierarquia na escala de solicitação do verbo na integralização de seu valor semântico): (i) participante de 1.º grau (P_1), equivalente ao sujeito; (ii) participante de 2.º grau (P_2), equivalente ao objeto direto/indireto bem como a todos os complementos imediatamente ligados ao verbo, à sua direita; (iii) participante de 3.º grau (P_3), equivalente ao objeto indireto bem como a todos os complementos mediatamente ligados ao verbo, à direita de P_2 . Assim, a frase portuguesa apresenta o seguinte esquema geral: $\{P_1 + V \pm P_2 \pm P_3\}_0$, onde P_1 constitui elemento obrigatório, conforme se demonstrou no trabalho. Em síntese, o trabalho procura descrever os complementos verbais sob três aspectos: (i) segundo a hierarquia da *previsibilidade*, (ii) segundo a *dinâmica* do processo verbal e (iii) segundo o *papel semântico* (*caso*, de acordo com Fillmore). O presente artigo analisará especificamente os dois últimos aspectos.

* Departamento de Linguística — Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação — UNESP — 14800 — Araraquara - SP.

1. SOBRE A DINÂMICA DO PROCESSO VERBAL

Considerando-se que o verbo é o “centro estruturador” da frase, segue-se que ele constitui o elemento fundamental na descrição dos fenômenos que se passam com os PARTICIPANTES. Diz-se *fundamental* porque nem sempre ele será, por si só, suficiente para a descrição do processo, mas é dele que *parte* a informação, e é nele que se concentram os elementos coesivos necessários ao estabelecimento do significado do processo * e da sua situação no *tempo* e no *espaço*. Por *tempo* se entende, em princípio, a relação entre o momento da enunciação e o momento em que ocorre o fato expresso através do verbo. Conforme o define Rocha Lima, é o elemento que “informa, de maneira geral, se o que expressa o verbo ocorre no momento em que se fala, numa época anterior, ou numa ocasião que ainda esteja por vir” (6, p. 108). A explicitação do tempo, em português, se faz através da própria flexão verbal ou mediante determinados marcadores, como os advérbios, ou ainda pelas circunstâncias contextuais da frase. Não interessa, aqui, discutir a questão do *tempo*, mas a do *espaço*, sob determinado aspecto.

O fenômeno da *espacialidade* será considerado do ponto de vista da *localização* e do *percurso* do processo. Sob esse ponto de vista é que se pode falar em *dinâmica* do processo verbal, como sendo o *movimento* descrito pelo verbo e que preenche ou percorre um determinado *espaço*. Pode parecer paradoxal sugerir-se um *movimento* que não implique um *percurso*, pois seria um *movimento estático*, o que é absurdo. Por isso cumpre distinguir os tipos de movimento, quando se sugere um que apenas *preenche* um espaço e outro que o *percorre*. Sejam os exemplos:

(1) O homem é um animal que *pensa*.

(2) O homem é um animal que *anda*.

Em (1), tem-se a descrição de um processo que não ultrapassa os limites do seu ponto de origem, e que não implica nenhum movimento externo do participante da frase. Todavia constitui uma *elaboração mental dinâmica*, cujo movimento se chamará, aqui, *hipotético*, *psicológico* ou *interno*, inerente à significação do verbo. Seria como que um movimento *circular* e que preenche um espaço abstrato ou *presumível*. O que caracteriza, neste caso, o movimento é a *elaboração mental*.

Em (2), há a explicitação de um movimento *real*, linear, que pressupõe o virtual percurso de um espaço físico.

São, pois, movimentos de naturezas diversas porque se relacionam a espaços também diversos.

Sejam agora os exemplos:

(3) João *pensa em Maria*.

(4) Paulo *vai a Santos*.

Em (3), o movimento, embora *hipotético*, deixa de ser *circular* porque passa a sugerir o percurso de um *espaço*: o espaço virtual entre os dois participantes (P_1 e P_2). Não perde, todavia, a sua natureza *abstrata*, pois se realiza no plano intelectual.

Em (4), tem-se a delimitação do espaço *real* percorrido pelo primeiro participante. Dir-se-á, assim, que, em princípio, os verbos se distribuem em dois grandes grupos com relação à dinâmica do processo: os de *dinâmica interna* e os de *dinâmica externa*. É evidente que, tanto no primeiro quanto no segundo caso, haverá sub-categorias passíveis

* Aqui, neste contexto, usar-se-á o termo “processo” com o sentido de *marcha* ou *realização* do acontecimento ou fenômeno expresso pelo verbo.

de uma classificação hierárquica e que mereceria um trabalho à parte, um estudo aprofundado. Foram tomados, aqui, exemplos extremos, no entanto é possível que, numa gradação, os limites entre ambos os tipos de movimento se aproximem a ponto de se confundirem. Como ilustração, veja-se a seguinte série:

- (5) Pedro pensa em Maria;
- (6) Paulo comprou um carro;
- (7) João construiu uma casa;
- (8) José bateu na esposa;
- (9) Antônio fugiu de casa;
- (10) Manuel atravessou a ponte.

De (5) a (10) parece haver uma ordem crescente quanto à *visualização* dos fatos expressos pelos verbos. E nessa gradação se passa da dinâmica *interna* para a *externa*. Enquanto o verbo “pensar” apresenta, digamos, grau zero de *visualização* do fato, o verbo “comprar” permitiria grau 1, o verbo “construir”, grau 2, e assim por diante, até o grau máximo com o verbo “atravessar”. Este grau máximo de *visualização* é que serviria para classificar os verbos propriamente como *verbos de movimento*, como são considerados tradicionalmente. Mas quanto à natureza da *dinâmica*, fica difícil estabelecer uma distinção precisa entre os exemplos (6) e (7) ou entre os exemplos (8), (9) e (10). Este é um assunto que merece ser tratado com mais profundidade e não se pretende discuti-lo exaustivamente, aqui e agora, mesmo porque, para a consecução dos objetivos deste trabalho, essa discussão se dispensa. Serão abordados apenas determinados aspectos que auxiliarão na análise dos complementos verbais. Por outro lado, não se restringirá aos tradicionalmente chamados *verbos de movimento*. Sobre estes há o excelente trabalho de Telmo Correia Arrais(1), que estudou exaustivamente os verbos “ir”, “vir”, “voltar”, “partir”, “chegar”, “sair”, “entrar”, “andar” e “correr”. Dir-se-ão apenas mais algumas palavras sobre o assunto, para melhor esclarecer a noção de *movimento*, segundo está sendo concebida aqui.

Em princípio, poder-se-ia dizer que “processo verbal” significa “movimento verbal”. Sob este ponto de vista, somente os verbos que indicam *estado*, *qualidade*, *posse*, *existência*, ou seja, os que compõem frases *estativas*, como “estar”, “ser”, “ter”, “existir” etc., não possuem, ou não indicam, *movimento*. A questão maior reside em como demonstrar o movimento dos verbos cujo processo se realiza no plano intelectual, ao qual se chamou movimento *interno* ou *psicológico* ou *hipotético*. Enquanto os tradicionais verbos de movimento (“ir”, “vir”, “andar” etc.) descrevem o deslocamento de um OBJETO num espaço físico, material, verbos como “pensar”, “querer” etc., descrevem um outro tipo de movimento, cujo espaço *percorrido* se localiza no plano intelectual. Dai falar-se em espaço *abstrato*, *imaterial*, *psicológico*, tomados esses termos como opostos a espaço *físico*.

John Lyons, entre outros autores, estabelece como característica que distingue verbos *estativos* de *não-estativos* (o que equivale dizer verbos *não-dinâmicos* de verbos *dinâmicos*), em inglês, a forma progressiva:

“Há certos verbos em inglês que não ocorrem normalmente no aspecto progressivo, mesmo naqueles contextos em que a maioria dos verbos necessariamente assumem a forma progressiva. Entre os verbos chamados ‘não-progressivos’ estão think/pensar, know/saber, understand/compreender, hate/odiar, love/amar, see/ver, taste/provar, feel/sentir, possess/possuir, own/possuir etc. A característica que eles têm em comum é que são ‘estativos’: referem-se ao estado das coisas e não à ação, ao acontecimento.” (6, p. 331).

Em português, no entanto, o critério da progressividade reduz drasticamente o número de verbos *estativos*. Da listagem acima, somente “possuir”, no seu sentido mais geral, é que não admitiria a forma “estou possuindo”, numa frase como, por exemplo, “estou possuindo um carro”. E, mesmo em inglês, conforme lembra Lyons, alguns verbos podem admitir a forma progressiva quando são “recategorizados” em “verbos de atividade”. Ex.: “I am having a headache” (= “estou com dor de cabeça”).

Também quando se combina um verbo “não-progressivo” em inglês com o tempo passado ou com alguns dos modais, ele deixa de ser “estativo”: “As soon as I saw him, I knew that there was something wrong” (= logo que o vi, percebi que havia algo errado); “You will feel a slight pain when I insert the needle” (= Você sentirá uma dor leve quando eu introduzir a agulha). Aqui os verbos “know” e “feel” deixam de ser “estativos” porque descrevem um “acontecimento”, referem-se ao “início de um estado, e não ao estado em si mesmo”, conforme observa Lyons.

Assim sendo, além da forma progressiva, basta a inserção de um marcador que indique a *duração* do processo, ou o *aspecto*, segundo se concebe tradicionalmente, para se testar o caráter estativo ou não-estativo do verbo. Tais marcadores podem ser, por exemplo, verbos auxiliares como “começar” e “acabar”. Seja, por exemplo, o verbo “pensar” em frases como:

(11) “Começo a pensar em você. Estou pensando em você. Acabei de pensar em você.”

Por aí se conclui que esse verbo não é estativo, pois descreve um processo *dinâmico*, um *movimento*. Pode-se dizer, então, que o *movimento* se caracteriza pela *duração do processo*, pelo *percurso* indicado pela significação do verbo e que preenche um espaço *físico* ou *mental* durante um certo *tempo*.

Telmo Correia Arrais, obra citada, lembra que as características sugeridas por Lakoff como marcadoras das frases estativas em inglês (não ocorrerem no imperativo; não se construírem como o aspecto progressivo; não ocorrerem com advérbios como “cuidadosamente”, “relutantemente”; não permitirem a substituição por “fazer o mesmo”; não ocorrerem como complementos de verbos como “persuadir” etc.) nem sempre são definitivas para testar as frases equivalentes em português. E cita os casos dos verbos “saber”, “compreender” e “gostar”, mostrando que, em certos casos, é possível uma construção perfeitamente gramatical e que, em outros casos, a frase se torna apenas estranha. Ex.:

(12) Tu estás gostando de mim

(13) Ele está compreendendo a minha situação

(14) (?) Pedro relutantemente sabe a resposta

(15) (?) Pedro o persuadiu a compreender a minha situação.

O que permite a tais verbos, em português, uma certa transgressão àquelas condições propostas por Lakoff, é justamente o caráter *dinâmico interno* de que são dotados. Principalmente o verbo “compreender” parece ser, sem dúvida, verbo de processo, uma vez que há sempre implícita uma *elaboração mental*. Quanto aos outros é preciso levar-se em conta a dimensão pragmática, pois, dependendo das circunstâncias contextuais, esses verbos se configuram como verbos *dinâmicos*. “Saber”, por exemplo, pode adquirir sentidos diversos, segundo equivalha a “ter conhecimento” e a “tomar conhecimento”. No primeiro caso o seu *grau de estatividade* será maior que no segundo. E nesses casos o tempo verbal se constitui num modalizador, provocando as distinções. Note-se a diferença entre: “Sei a resposta” e “Soube a resposta por telefone”. Tem-se aí o que se disse quanto a “ter” e “tomar” conhecimento. Por outro la-

do, todo verbo que envolva uma *elaboração* na mente do falante passa a ter um certo movimento interno. E essa *elaboração*, que envolve necessariamente um *tempo de duração*, por implicar num *trabalho* mental, estará presente em “saber”, na medida em que signifique “aprender”, “compreender”. É preciso, pois, atentar para as nuances de significado que um mesmo verbo possa adquirir em cada frase. Veja-se, por exemplo, o verbo “ter”, estativo por excelência na acepção de “possuir”, que pode adquirir um traço particular que lhe dê um caráter de certa forma dinâmico:

(16) Não *tenha* um carro qualquer; *tenha* um XPTO.

A frase acima, cuja forma imperativa contrariaria as condições de Lakoff, se justifica porque o verbo “ter” passa a equivaler “adquirir” que, por sua vez, é *dinâmico*.

O conceito de *movimento* pressupõe, em princípio, o percurso de um espaço físico. Por isso poderá parecer estranho falar em movimento verbal quando não ocorre o deslocamento de um OBJETO num determinado espaço físico, material. A verdade é, conforme já se disse acima, que existem duas espécies de *movimento*, ou dois *planos* em que este se realiza. Ouçamos o que diz Telmo Arrais:

“Quando pensamos na noção que exprime um verbo de movimento, como *ir*, *vir*, *andar*, a primeira idéia que nos ocorre é a de ‘mudança de lugar’. Representamos em nossa imaginação um *local* que é ou ponto de partida, ou ponto de chegada, ou a extensão do movimento. Mas o termo *local* não se refere necessariamente apenas aos limites espaciais; como bem pondera John Lyons, ‘o termo *local* recobre tanto as distinções temporais quanto as distinções espaciais, já que os dois tipos estão freqüentemente reunidos nos sistemas orientacionais das diferentes línguas.’ (1, p. 102).

O que existe, então, são dois tipos de *espaço*: o espaço físico e o espaço temporal. Daí a noção de *espacialidade* estar sempre presente quando se fala em *movimento*. Dir-se-ia, ainda, que os dois planos, o temporal e o físico, não se excluem, mesmo porque os verbos que indicam movimento no espaço físico, como “ir”, “vir”, “andar” etc., se caracterizam também pelo movimento *interno* ou *temporal*. Esse fato leva a concluir que o movimento *interno* constitui uma característica de todos os verbos *processuais*. Logo, o conceito de *estático* VS *dinâmico* não estará necessariamente relacionado apenas à materialidade. John Lyons, fazendo um paralelo entre os planos a que se podem chamar *concreto* VS *abstrato*, diz o seguinte:

“Semelhançamente à relação entre localização e movimento é a relação entre posse e aquisição (perda): (*estar*) em Londres está para (*ter*) um livro, assim como (*ir/vir*) a Londres está para (*comprar*) um livro.” (6, p. 316).

Ainda é Lyons que se refere à distinção entre “os estados que se consideram permanentes, ou necessariamente, associados a pessoas e objetos e os estados que são vistos apenas temporária ou contingentemente, associados a eles”, relacionando os primeiros à *localização* e os segundos à *dinâmica*, desde que a forma expresse o movimento. Assim, é necessário distinguir as duas formas seguintes:

(17) Eu sou homem

(18) Eu tornei-me professor

em que na primeira a forma verbal é *estativa* e na segunda é *dinâmica*. Cp. * “*Estou sendo um homem*” VS “*estou-me tornando professor*”.

É preciso lembrar que o verbo de ESTADO se caracteriza pela ausência de movimento, ou seja, de uma *dinâmica* (*externa* ou *interna*) verificada nas suas relações com o sujeito. Ora, sendo o verbo *não-estativo* aquele que descreve um *fato* ou *acontecimento*, dos quais o sujeito é o *ator* ou a *meta*, isto é, o *gerador* ou o *receptor*

do processo, ou, ainda, o *agente* ou o *paciente* de uma ação expressa ou pressuposta pelo verbo, basta levar em conta todos esses dados para se chegar a uma conclusão sobre a natureza do verbo em cada situação concreta. Acontece que, às vezes, o analista necessita recorrer a determinadas regras práticas que evidenciem os conceitos. Já se viu que algumas dessas regras, propostas por autores estrangeiros que trataram do assunto, não resolvem todos os casos similares em nossa língua, seja pela diferença de estrutura sintática, seja pela diferença de significação dos verbos em português. Aos testes de Lakoff, citados por Telmo Arrais, poder-se-ia acrescentar ainda o expediente das perguntas a partir dos verbos FAZER e ACONTECER para se testar o caráter *não-estativo* dos verbos. As perguntas do tipo “Que FEZ x?”, sendo x = sujeito, resolveriam todos os casos de verbos de AÇÃO; no entanto, quando o sujeito se caracteriza como o *paciente*, e que deveriam ser formuladas perguntas do tipo “o que ACONTECEU a x?”, tal caso não se configura como o único passível de se aplicar o teste. Isso porque, dado o caráter exclusivamente semântico do teste, ele se presta, às vezes, a uma ambigüidade, isto é, a pergunta tanto poderá referir-se ao processo verbal em si mesmo, quanto à informação global que nos transmite a frase. Assim, em frases como:

(19) Serafina *apanhou* de Raimundo;

(20) Serafina *está* doente;

em ambos os casos é perfeitamente pertinente a pergunta “O que ACONTECEU a Serafina?” No entanto, enquanto em (19) o verbo expressa realmente um *acontecimento*, cuja AÇÃO se *pressupõe*, conforme se verá adiante, em (20) esse *acontecimento* só é informado pela frase toda. Logo, este também não constitui um critério decisivo para a classificação do verbo.

Sem a pretensão de apresentar um critério definitivo, mesmo porque os testes devem, quase sempre, ser aplicados em conjunto, sugere-se um expediente que se baseia no conceito de *movimento verbal*, tal qual se vem propondo. Trata-se da inserção de um *quantificador* do movimento como, por exemplo, os advérbios “demoradamente”, “vagarosamente”, “rapidamente”. Tais marcadores não combinariam, evidentemente, com os verbos essencialmente *estativos*, só os admitindo os verbos *dinâmicos* ou os que indicam um *estado contingente*, os quais, afinal de contas, possuem uma determinada dinâmica. Sejam os exemplos:

(21) Petronílio compreendeu a minha posição;

(22) Joaquim tornou-se médico;

(23) Joaquim está doente;

(24) Regnério não merece este cargo.

Que sejam, agora, comparados com:

(21a) Petronílio compreendeu a minha posição rapidamente;

(22a) Joaquim tornou-se médico rapidamente;

(23a) * Joaquim está doente rapidamente;

(24a) * Regnério não merece este cargo rapidamente.

Pelo visto, apenas os exemplos (23) e (24) são de verbos *estativos*. É preciso considerar, também aqui, uma certa ambigüidade estabelecida pelo advérbio “rapidamente”, que poderá subentender “imediatamente”, e, aí, se aplicaria a qualquer uma das frases. Por isso seria mais adequado aplicar (inserir) “vagarosamente”. Daí seria perfeitamente possível “compreender *vagarosamente*”, “tornar-se *vagarosamente*”, mas impossível “estar e/ou merecer *vagarosamente*”.

Convém, finalmente, lembrar que, em certos casos, o verbo é *contaminado* pelo complemento que, contendo em si uma certa *dinâmica*, transmite-a ao processo verbal.

Dessa forma, numa frase como:

(25) Belarmindo *sentiu* uma terrível dor de cabeça; é possível a inserção de um *quantificador*:

(25a) Belarmindo *sentiu demoradamente* uma terrível dor de cabeça.

Neste caso, o que possui uma *duração*, propriamente, é o complemento “dor”, todavia o verbo passa, conseqüentemente, a adquirir esta *dinâmica*. Saliente-se, no entanto, que tal *contaminação* não se faz aleatoriamente. Ela só é possível graças à natureza do verbo que se predispõe a essa *duração*, a esse *percurso no tempo* — o fenômeno de “sentir” não significa necessariamente um fato *pontual*, pois pode estender-se no tempo dependendo da intensidade da sensação experimentada. Neste caso estão também outros verbos cujo complemento tenha essa característica de *duração*, como, por exemplo, o verbo “ouvir”. Logo, são perfeitamente possíveis expressões como “sentir *demoradamente* uma dor” ou “ouvir *demoradamente* um som”. São também possíveis as formas progressivas:

(26) Estou sentido uma dor;

(27) Estou ouvindo um barulho.

Ou as imperativas:

(28) Sinta a dor em silêncio;

(29) Ouça apenas músicas nacionais.

Acresça-se, ainda, como se sugeriu, a possibilidade de construção de certas estruturas com determinados verbos auxiliares que indicam o caráter *progressivo* do processo verbal:

(30) Comecei a sentir/acabei de sentir uma dor intensa;

(31) Comecei a ouvir/acabei de ouvir uma sinfonia.

Embora seja este um assunto que merece um estudo mais profundo, extensivo, inclusive, a todos os verbos da língua, a esta pesquisa bastam algumas generalizações capazes de permitir o estudo que aqui se propõe sobre os complementos verbais.

A seguir, uma tentativa de se classificar os verbos segundo a *dinâmica* do processo.

1.2. Distribuição dos verbos quanto à DINÂMICA do processo

Uma vez definida a questão do *movimento*, passa-se a considerar a questão do *ponto de partida*, ou de *origem*, e o *ponto de chegada* do movimento verbal. Sob esse ponto de vista, pode-se, em princípio, classificar os verbos em dois grandes grupos: aqueles cujo sujeito constitui o ponto de origem do movimento, e os que têm no sujeito o ponto de chegada ou o *local de realização* do processo.

I. Verbos cujo movimento tem o seu ponto de origem no sujeito:

1. Os que descrevem um movimento *real* ou *externo*. Ex.:

(32) O homem *anda*;

(33) Paulo *vai* a Santos;

(34) Maria *deu* um livro a Pedro.

Indicar-se-á esse movimento por uma flecha em linha reta no sentido *sujeito* → *verbo*. Também se indicará por essa flecha a relação entre o verbo e o 2.º e/ou 3.º participantes, cuja finalidade será a de orientar o sentido do movimento em relação àqueles participantes, isto é, a de identificá-los como *ponto de incidência* ou *objetivo** (como no presente caso) ou como *ponto de origem* (como se verá adiante).

* Emprega-se, aqui, o termo *objetivo* para significar o ponto para o qual se dirige o movimento verbal. Dai este termo poder ou não coincidir com o *Objetivo* = função semântica.

Dessa forma, os exemplos acima assim se representarão:

(32) $[P_1 \rightarrow V] o$

(33) $[P_1 \rightarrow V \rightarrow P_2] o$

(34) $[P_1 \rightarrow v \rightarrow P_2 \rightarrow P_3] o$

2. Os que descrevem um movimento *interno* ou *psicológico*.

Ex.:

(35) O homem *pensa*;

(36) João *peñsa* em Maria.

A indicação gráfica desse movimento se fará por uma flecha curva, que simbolizará o caráter *interno* do movimento, no sentido sujeito-verbo. Os exemplos dados assim se representarão:

(35) $[P_1 \curvearrowright V] o$

(36) $[P_1 \curvearrowright V \rightarrow P_2] o$

Conforme já se disse, a flecha que liga o verbo ao seu 2.º ou 3.º participante indicará o *sentido* do movimento, por isso ela será sempre uma reta.

II. Verbos cujo sujeito constitui o *ponto de chegada* ou se afigura como o *localizador* da produção do movimento, sem, contudo se caracterizar como o *agente produtor*. Desse ponto de vista, esses verbos podem ser divididos em duas classes:

1. Os pertencentes aos casos em que o sujeito constitui o *receptor* de uma *ação pressuposta* cuja origem se localiza no 2.º ou no 3.º participante. Neste caso haverá sempre a *pressuposição* de um outro verbo e, conseqüentemente, de uma outra frase em que esse 2.º ou 3.º participante assume a função de sujeito. Ex.:

(37) Florisbela *apanhou* do marido.

PRESSUPÕE (38) O marido *bateu* em Florisbela.

(39) Pedro *ganhou* um livro de Maria.

PRESSUPÕE (40) Maria *deu* um livro a Pedro.

2. Os casos em que o sujeito constitui o *local* de realização do processo, mas também não se afigura como o *agente produtor* do fenômeno descrito pelo verbo. Sem levar em conta, por ora, as possíveis subclasses desse grupo, citem-se como exemplos:

(41) Jeremias *morreu*;

(42) O vaso *quebrou*;

(43) Isaura *emagreceu*;

(44) Jacó *faliu*;

(45) Nagibe *enriqueceu*.

Com relação à espécie de movimento, pode-se dizer que, de modo geral, os verbos do *Item 1* se caracterizam por um movimento *externo*, na medida em que se pode “visualizar”, na frase *pressuposta*, esse movimento. No entanto, torna-se um tanto subjetivo considerar a ação de “dar”, por exemplo, como sendo um movimento externo, pois se poderia entender, aí, um ato gestual ou apenas simbólico. De qualquer forma, serão representados os exemplos de *I* através de uma flecha no sentido verbo-sujeito, como indicativa da condição de *receptor* que passa a ter o sujeito. Dessa forma, ter-se-á:

(37) Florisbela apanhou do marido:

$[P_1 \leftarrow V \leftarrow P_2] o$

(39) Pedro ganhou um livro de Maria:

$[P_1 \leftarrow V \rightarrow P_2 \leftarrow P_3]_o$

Em (37), a flecha que liga o verbo a P_2 tem a direção de V justamente pelo fato de ser P_2 a *origem* do processo.

Em (39), P_2 passa a ser o *objetivo* e P_3 a *origem*, daí a direção das flechas ($V \rightarrow P_2 \leftarrow P_3$).

Quanto aos verbos do item 2, embora se possam distinguir movimentos *externos* (= mudança de estado físico) — frases (41), (42) e (43) — e movimentos *internos* (= mudança de estado abstrato) — frases (44) e (45) —, pode-se dizer que o movimento, em todos os casos, é *circular*, visto que não ultrapassa os limites do sujeito. Daí se representar esse movimento por uma flecha *curva* no sentido verbo-sujeito:

$[P_1 \curvearrowright V]_o$

NOTA: É preciso lembrar que existe uma estrutura complexa (ou mista) em que, sendo o sujeito o ponto de partida do movimento verbal, este, por sua vez, se realiza no complemento (P_2), que passa a ser, portanto, o local de desenvolvimento do movimento verbal instigado por P_1 . Assim sendo, esse tipo de estrutura deve-se representar pelo esquema:

$[P_1 \leftarrow V \rightarrow P_2]_o$

Como exemplo, cite-se a frase:

(42a) Jeremias quebrou o vaso.

Neste caso pode ocorrer, facultativamente, a explicitação de um *instrumental* (P_3):

(42b) Jeremias quebrou o vaso com um martelo.

Daí a estrutura acima adquirir a forma:

$[P_1 \rightarrow V \curvearrowright P_2 \rightarrow (P_3)]_o$

1.3 Sobre a ausência da DINÂMICA verbal

Já se referiu acima aos chamados verbos *estativos*, ou seja, aqueles que não representam um *processo*, daí a ausência de qualquer tipo de movimento. Parece que, a rigor, tem-se os seguintes casos de verbos *estativos*:

1. O verbo atribui ao sujeito um *estado*, *qualidade* ou *especificação*:

(46) Manuel *está* triste;

(47) Belarmindo *é* inteligente;

(48) Brasília *é* a Capital do Brasil;

(49) João *pesa* 120 quilos.

2. O verbo estabelece uma relação de *posse* entre o sujeito e um *objeto*:

(50) Carlos *tem* um relógio de ouro;

(51) Manuel *possui* uma excelente esposa;

(52) Joaquim *está* com um carro novo.

3. O verbo informa sobre determinada *condição* intelectual do sujeito em relação a determinado *objeto*:

(53) João *sabe* matemática;

(54) Aparício não *conhece* o pai.

4. O verbo informa sobre a existência de determinado *objeto*, que passa a ser o *ponto de referência*:

(55) Fantasmas não *existem*;

(56) Não *há* criatura sem criador.

5. O verbo apenas indica a localização do *objeto*:

(57) Buritizal *fica* no Estado de São Paulo;

(58) A Loja das Novidades *é* no centro.

6. O verbo traduz um juízo de valor sobre determinadas condições do sujeito, o qual passa a ser exclusivamente um *ponto de referência* sem que tome parte na elaboração de um processo ou que experimente o resultado de qualquer processo descrito pelo verbo:

(59) Regnério não *merece* este cargo;

(60) Esta sala *precisa* de uma boa limpeza;

(61) O Brasil *necessita* de uma nova Constituição.

As possíveis variações desses casos, inclusive a possibilidade de um mesmo verbo assumir características diversas em relação à dinâmica, em face das diversas situações contextuais, só se exaurem numa análise individual de cada verbo, num levantamento completo das possíveis ocorrências.* Aqui se limitará à análise desses verbos que funcionam normalmente como *estativos* e dos elementos que lhes integram a significação. A representação gráfica das estruturas acima obedecerá ao seguinte critério:

1) Dada a ausência de movimento, as relações entre o verbo e o sujeito serão representadas pelo sinal de adição (+).

2) As relações entre o verbo e o elemento *integralizador* de sua significação se representarão pelo sinal de adição (+) nas estruturas exemplificadas em 1, visto que o verbo aí se constitui num mero liame relacional, e por uma flecha em direção a P₂ nos demais casos.

3) Dada a inconveniência de se considerar os elementos que integram a significação dos verbos do item 1 como *complementos*, já que aqueles elementos especificam uma *qualidade* ou *estado* do sujeito, isto é, são meros *atributivos*, serão eles simbolizados por A e não por P₂.

4) Finalmente, pelo fato de o elemento A constituir um conjunto unitário com V, na caracterização do sujeito no Subgrupo 1, aqueles dois elementos virão entre parênteses.

Em face do exposto, assim se representarão as estruturas de 1 a 6:

Os exemplos de 1: [P₁ + (V + A)]o

Os exemplos de 2, 3, 5 e 6: [P₁ + V → P₂]o

Os exemplos de 4: [P₁ + V]o

As representações gráficas até aqui sugeridas podem ser sintetizadas no quadro que se segue:

1. Verbos cujo movimento tem o seu ponto de origem no sujeito.

1. Movimento *externo*:

a) [P₁ → V]o

b) [P₁ → V → P₂]o

c) [P₁ → V → P₂ → P₃]o

2. Movimento *interno*:

a) [P₁ \curvearrowright V]o

b) [P₁ \curvearrowright V → P₂]o

* Muitas vezes, um verbo originariamente de *movimento* pode compor uma frase *estativa*, quando o sujeito, comumente *não-animado*, constitui apenas um ponto estático de referência. Ex.:

(62) Os mandacarus e xique-xiques *apontavam* direções. (CJ, 20).

(63) O faturamento da Tecknos atingiu Cr\$ 170.000.000,00. (FSP — 12, 4-10-78).

II. Verbos cujo sujeito constitui o ponto de chegada ou o local de realização do processo.

1. Movimento *externo* (pressuposto):

a) $[P_1 \leftarrow V \leftarrow P_2]_o$

b) $[P_1 \leftarrow V \rightarrow P_2 \leftarrow P_3]_o$

2. Movimento *circular* (interno ou externo):

$[P_1 \curvearrowright V]_o$

III. Para os verbos que se caracterizam pela *ausência de dinâmica*, tem-se as seguintes estruturas possíveis:

a) $[P_1 + V]_o$; b) $[P_1 + (V + A)]_o$; c) $[P_1 + V \rightarrow P_2]_o$

2. CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS SEGUNDO A DINÂMICA DO PROCESSO

Dada a premência de espaço, não se fará aqui uma discussão pormenorizada acerca dos critérios que serviram de base para a classificação que se segue. Indicar-se-ão apenas as características fundamentais de cada classe.

Tomou-se como referencial básico as relações do verbo com o sujeito (P_1) e, eventualmente, as suas relações também com os complementos (P_2 ou P_3). Dessa forma, assim se classificam os verbos:

I. AÇÃO — O sujeito constitui o ponto de *origem* do movimento.

II. RECEPÇÃO — O sujeito constitui o ponto de *chegada* do movimento. É o paciente de uma ação *pressuposta*.

III. PROCESSO — O sujeito é o ponto *onde se realiza* o movimento. Ele experimenta uma *mudança de estado* “substancial”.

IV. AÇÃO-PROCESSO — O sujeito é o ponto de *partida* de um movimento que se *consoma* no complemento (P_2). Este *experimenta* uma *mudança de estado* “substancial”.

V. PERCEPÇÃO ou SENSACÃO — O sujeito constitui o localizador do movimento. *Experimenta* uma sensibilização dos sentidos.

VI. ESTADO — O sujeito constitui apenas um ponto de *referência*, dada a ausência de movimento verbal.

VII. MUDANÇA DE ESTADO — O sujeito constitui o *local* onde se realiza o movimento e *experimenta* uma *mudança de estado*.

O quadro abaixo permite uma visão geral das relações*.

Classe do verbo	Tipo de movimento	Natureza do sujeito	Esquema gráfico
AÇÃO	externo	ponto de origem	$[P_1 \rightarrow V \rightarrow P_2]_o$ $[P_1 \rightarrow V \leftarrow P_2]_o$ $[P_1 \rightarrow V \rightarrow P_2 \rightarrow P_3]_o$
	interno	ponto de origem	$[P_1 \curvearrowright V \rightarrow P_2]_o$ $[P_1 \curvearrowright V \rightarrow P_2 \rightarrow P_3]_o$
RECEPÇÃO	externo	ponto de chegada	$[P_1 \leftarrow V \leftarrow P_2]_o$ $[P_1 \leftarrow V \rightarrow P_2 \leftarrow P_3]_o$
	interno	ponto de chegada	$[P_1 \curvearrowleft V \rightarrow P_2 \leftarrow P_3]_o$
PROCESSO	circular (interno ou externo)	ponto de realização	$[P_1 \curvearrow V \rightarrow (P_2)]_o$ $[P_1 \curvearrow V + P_2]_o$
AÇÃO-PROCESSO	externo ou interno	ponto de partida	$[P_1 \rightarrow V \curvearrow P_2 \rightarrow (P_3)]_o$
PERCEPÇÃO ou SENSACÃO	circular	ponto de realização	$[P_1 + V \curvearrow P_2]_o$
ESTADO	ϕ	ponto de referência	$[P_1 + (V + A)]_o$ $[P_1 + V \rightarrow P_2]_o$
MUDANÇA DE ESTADO	interno	ponto de realização	$[P_1 \curvearrow (V + A)]_o$

* Interessam aqui os esquemas que incluem P_2 ou P_2 e P_3 , ainda que tais complementos sejam facultativos, como nos casos dos verbos de PROCESSO e de AÇÃO-PROCESSO. Daí a não inclusão dos esquemas que prevêm apenas P_1 e V .

3. RELAÇÕES ENTRE OS COMPLEMENTOS VERBAIS P₂ e P₃ E OS PAPÉIS SEMÂNTICOS (CASOS) QUE REPRESENTAM

Também aqui, por razões de espaço, a matéria será apresentada esquematicamente.

Aproveitando as sugestões de Fillmore (3,4), Borba (2, p. 240-51) e Arrais (1, p. 137), e acrescentando alguns detalhes que julgamos pertinentes, assim se apresentam os *casos semânticos* e seus respectivos *traços*:

CASOS	TRAÇOS CASUAIS													
	instigador	causa	efeito/conteúdo	origem	meta	ativo	afetado	lugar	transição	extensão	beneficiário	destinatário	tempo	finalidade
Agentivo	+	+	-	±	±	+	-							
Instrumental	-	+	-	-	-	+	-							
Causativo	+	+	-	-	-	+	-							
Dativo/Experimentador	-	-	-	±	±	+	+							
Receptivo	-	-	-	±	±	-	+				±	±		
Objetivo	-	-	-	-	-	-	+							
Meta					+									
Origem				+			+							
Factitivo	-	-	+	-	-	-	+							
Locativo				-	-			+	±	-				
Direcional-origem				+	-			+	+	-				
Direcional-término				-	+			+	+	-				
Direcional-extensão				+	+			+	+	+				
Comitativo	±	±				±	+							
Temporal									±				+	
Fim														+

Nota: Usar-se-ão as seguintes abreviaturas na citação dos *casos* e dos *traços* acima:

Caso	Abrev.	traço	abrev.
Agentivo	Ag	instigador	inst
Instrumental	Inst	causa	ca
Causativo	Ca	efeito	ef
Dativo/Experimentador	Dat/E	conteúdo	cont
Receptivo	Rec	beneficiário	ben
Objetivo	Ob	meta	met
Meta	Met	ativo	at
Origem	Or	origem	or
Factitivo	Fac	afetado	af
Locativo	Loc	lugar	lug
Direcional-origem	Dir-or	transição	trans
Direcional-término	Dir-tèrm	extensão	ext
Direcional-extensão	Dir-ext	término	tèrm
Comitativo	Co	destinatário	dest
Temporal	Temp	tempo	temp
Fim	F	finalidade	fin

I. Com verbos de AÇÃO

Assim se poderão esquematizar as possibilidades de realização de P₂ nas estruturas

a): [P₁ → V → P₂] e b): [P₁ → V → P₂]

Estrutura mórfica	Valores Semânticos	Exemplificação
SN	Ob Fac-ef Fac-cont Dat-met Loc Dir-ext	Alcancei o trem Fiz um poema Paulo disse poucas palavras (Estr. <i>b</i>) Raimundo surrou a mulher Não freqüento lugares suspeitos Atravessei a ponte
SNpr	Dat-met Rec-dest Instr Ca Loc Dir-or Dir-tèrm Dir-ext	Raimundo bateu na mulher Clarimundo acénou para Gisela Não escrevo com a mão esquerda Os filhos sempre se queixam dos pais O rapaz sentou-se no chão Vim de São Paulo Fui a São Paulo Caminhávamos pela calçada
SO	Fac-cont	Paulo disse que estava tudo bem (Estr. <i>b</i>) estar tudo bem Paulo não disse se poderia vir (Estr. <i>b</i>)
	Ca	Os filhos sempre se queixam de que os pais são radicais/ de serem os pais radicais

c) realização de P_2 e P_3 na estrutura
 $[P_1 \rightarrow V \rightarrow P_2 \rightarrow P_3]_0$
 Para $P_2 = SN$ e $P_3 = SNpr$:

Valores Semânticos		Exemplificação
P_2	P_3	
Ob	Rec-ben Rec-dest Dat-met Dat-or Dir-térm Dir-or Dir-ext Loc Ob	Dei um prêmio ao aluno Enviei uma carta a José Desferi um pontapé no gato O ladrão tomou o brinquedo do garoto Margarida atirou o casaco a um canto Meu amigo trouxe um carro da Europa A empregada arrasta os móveis pela sala Deixei a mala na estação Troquei meu carro por uma bicicleta
Dat	Rec-ben Rec-dest Dir-térm Dir-or Dir-ext Loc F Met	Dona Raimunda deu o filho aos padrinhos Jacó devolveu a esposa a seus pais Levei minha mulher para a Europa Trouxe minha mulher da Europa O cavalheiro conduzia a dama pelo salão Deixei minha mulher na Europa Francisco convidou-se para o almoço Francisco obrigou-me a uma decisão difícil
Fac-ef	Rec-ben Red-dest	Fiz um bolo para você Escrevi uma carta a meu pai
Fac-cont	Rec-dest	Nada disse a José

Para $P_2 = SO$ e $P_3 = SNpr$:

Valores Semânticos		Exemplificação
P_2	P_3	
Fac-cont	Rec-dest	Disse a José { que estava tudo bem estar tudo bem

Para $P_2 = \text{SN}$ e $P_3 = \text{SO}$ (ou SNpr , resultado de nominalização):

Valores Semânticos		Exemplificação	
P_2	P_3		
Dat	F	Francisco convidou-me	{ para almoçar com ele para que almoçasse com ele
	Met	Francisco obrigou José	{ a decidir a que decidisse
Inst	F	Ele usou uma alavanca	{ para a abertura da porta para abrir a porta para que abrisse a porta

d) Com a estrutura [$P_1 \curvearrowright V \leftarrow P_2$] o

Estrutura Mórfica de P_2	Valores Semânticos	Exemplificação
SN	Ob	O noivo espera a noiva ansiosamente O juiz não julgará este réu
	Fac-cont	Realindo imaginou uma mulher nua
	Fac-ef	Manuel elabora mentalmente um plano diabólico
SNpr	Ob	João pensa em Maria
	Ca	O pai se preocupa com a filha
	Ob	O noivo espera ansiosamente que a noiva chegue/chegar a noiva
	Ca	A mãe se preocupa em/com satisfazer o filho/ que tratem bem o filho

e) Com a estrutura [$P_1 \curvearrowright V \rightarrow P_2 \rightarrow P_3$] o

Para $P_2 = SN$ e $P_3 = SNpr$:

Valores Semânticos		Exemplificação
P_2	P_3	
Ob	Ca	Jacó atribui os seus fracassos às más companhias
	Rec-ben	Ele dedica seus sofrimentos à memória da amada
	Ob	Paulo prefere o teatro ao cinema
	Or	Aprendi música com um matemático
Dat	Ca	displícência

Para $P_2 = SO$ e $P_3 = SNpr$ ou SO :

Para $P_2 = SN$ e $P_3 = SO$:

P_2	P_3	Exemplificação
Ob	Or	Aprendi com meus pais { que não se deve fumar a não fumar
	Dat	Não permito a ninguém { que caçoe de mim caçoar de mim
	Ob	Paulo prefere ir ao teatro a ir ao cinema; Paulo prefere que o chamem de assassino a que o chamem de ladrão.

P_2	P_3	Exemplificação
Dat	Ca	Ela jamais me perdoou por ser eu displicente
Ob	Ob	Paulo prefere a solidão a conviver com parentes

II. Com verbos de RECEPÇÃO

a) na estrutura $[P_1 \leftarrow V \leftarrow P_2]_o$

Estrutura mórfica de P_2	Valores Semânticos	Exemplificação
SN	Ob	O transeunte recebeu uma bala perdida
SNpr	Or	Serafina apanhou do marido

b) na estrutura $[P_1 \leftarrow V \leftarrow P_2 \leftarrow P_3]_o$

$P_2 = \text{SN e } P_3 = \text{SNpr}$		
Valores Semânticos	Exemplificação	
P_2	P_3	
Ob	Or	Josefina recebeu uma carta de Clarimundo

c) na estrutura $[P_1 \leftarrow V \rightarrow P_2 \leftarrow P_3]_o$

$P_2 = \text{SN e } P_3 = \text{SNpr}$		
Valores Semânticos	Exemplificação	
P_2	P_3	
Ob	Or	Genilda sofreu o desprezo de Genivaldo

III. Com verbos de PROCESSO

a) Estrutura: $[P_1 \leftarrow V \rightarrow (P_2)]_o$

Estrutura Mórfica de P_2	Valor Semântico	Exemplificação
SNpr	Ca	A mulher emagreceu com o regime O menino acordou com o barulho

b) Estrutura: $[P_1 \leftarrow V + P_2]_o$

Estrutura Mórfica de P_2	Valor Semântico	Exemplificação
SN	Ob	O garoto levou um susto A mulher sofreu um desmaio
	Temp	A festa durou três dias

IV. Com verbos de AÇÃO-PROCESSO

a) com a estrutura $[P_1 \rightarrow \widehat{V} \rightarrow P_2 \rightarrow (P_3)]_o$: $P_2 = \text{SN}$ e $P_3 = \text{SNpr}$

Valores Semânticos		Exemplificação
P_2	P_3	
E	Inst	Marcos engorda porcos com farelo
	Ca	Marcos assustou Rosa com sua chegada repentina
Ob	Inst	Maria enxuga roupa com o ferro

b) com a estrutura $[P_1 \rightarrow \widehat{V} \rightarrow P_2]_o$: $P_2 = \text{SN}$

Valores Semânticos de P_2	Exemplificação
E	Farelo engorda porcos ($P_1 = \text{Inst}$) A chegada repentina de Marcos assustou Rosa ($P_1 = \text{Ca}$)
Ob	O ferro enxuga a roupa ($P_1 = \text{Inst}$) O vento derrubou a casa ($P_1 = \text{Ca}$)

V. Com verbos de SENSACÃO ou PERCEPÇÃO

Estrutura: $[P_1 \widehat{+} V + P_2]_o$

Estrutura Mórfica de P_2	Valores Semânticos	Exemplificação
SN	Ob	João ama a natureza Margarida viu uma estrela
	Or	Raimundo sentiu uma dorzinha nas costas Marta ouviu um barulho
SNpr	Ob	Francisco gosta de música clássica
	Or	O jogador ressentiu-se de uma velha contusão
SO	Ob	Francisco gosta { de que o entendam de ver bons filmes
	Or	Raimundo sentiu que as costas doíam/doer as costas

VI. Com verbos de ESTADO

a) com a estrutura $[P_1 + (V + A)]_o$: A = SN

Tipo de Relação	Valor Semântico de A	Exemplificação
Equativa	Loc Ob	Brasília é a capital do Brasil A frase é a unidade do discurso
Possessiva	Ob	Este piano pesa uma tonelada O terreno media dois hectares Este carro vale dez milhões

b) com a estrutura $[P_1 + V \rightarrow P_2]_o$

Estrutura Mórfrica de P_2	Valor Semântico	Exemplificação
SN	Ob	Carlos tem um relógio de ouro Aparício não conhece o pai João sabe matemática
SNpr	Ob	Meu amigo está com um carro novo Esta sala precisa de móveis
	Loc	Buritizal fica no Estado de São Paulo
SO	Ob	João sabe ler

VII. Com verbos de MUDANÇA DE ESTADO

Estrutura: $[P_1 \leftarrow (V + A)]_o$

Estrutura Mórfrica de P_2	Valores Semânticos	Exemplificação
SN	Loc	Araraquara tornou-se a capital da região
	Ob	O homem virou lobisomem
SNpr	Loc	Araraquara se transformou na capital da região
	Ob	O homem se transformou em lobisomem

Sintetizando-se o que se exemplificou acima, têm-se os seguintes quadros:

QUADRO I: Estruturas com dois participantes (P_1 e P_2):

E. F.*	P ₂ /A	
	E. M.	V. S.
[P ₁ →V→P ₂]o	SN	Ob; Fac-ef; Dat-met; Loc; Dir-ext.
	SNpr	Dat-met; Rec-dest; Inst; Ca; Dir-or; Dir-ext; Dir-térm.
	SO	Ca.
[P ₁ →V→P ₂]o	SN	Fac-cont
	SO	Fac-cont
[P ₁ ↔V→P ₂]o	SN	Ob; Fac-cont; Fac-ef.
	SNpr	Ob; Ca.
	SO	Ob; Ca.
[P ₁ ←V←P ₂]o	SN	Ob.
	SNpr	Or.
[P ₁ ←V→(P ₂)]o	SNpr	Ca.
[P ₁ ←V + P ₂]o	SN	Ob; Temp.
[P ₁ →V→P ₂]o	SN	Ob; E.
[P ₁ ↔ + V→P ₂]o	SN	Ob; Or.
	SNpr	Ob; Or.
	SO	Ob; Or.
[P ₁ + (V + A)]o	SN	Ob; Loc.
[P ₁ + V→P ₂]o	SN	Ob;
	SNpr	Ob; Loc.
	SO	Ob.
[P ₁ ↔ (V + A)]o	SN	Ob; Loc.
	SNpr	Ob; Loc.

* Serão usadas aqui as seguintes abreviaturas: E. F. (= Estrutura Frasal); E. M. (= Estrutura Mórfrica); V. S. (= Valor Semântico).

QUADRO II: Estruturas com três participantes (P₁, P₂ e P₃):

E.F.	P ₂		P ₃	
	E. M.	V. S.	E. M.	V. S.
[P ₁ →V→P ₂ →P ₃]o	SN	Ob Dat Fac-ef Fac-cont	SNpr	Rec-ben Rec-dest Dat-met Dat-or Dir-térm Dir-or Dir-ext Loc Ob
	SO	Fac-cont		SO
[P ₁ ↔V→P ₂ →P ₃]o	SN	Ob Dat	SNpr	Ca Rec-ben Ob Or Dat Ob
	SO	Ob		SO
[P ₁ ←V→P ₂ ←P ₃]o ou: [P ₁ ↔V→P ₂ ←P ₃]o	SN	Ob	SNpr	Or
[P ₁ →V→P ₂ →(P ₃)]o	SN	Ob E	SNpr	Inst Ca

Observando-se os quadros acima, constata-se as seguintes frequências, com relação aos *casos* semânticos:

Em estruturas com P ₂ /A		Estruturas com P ₂ e P ₃			
		P ₂		P ₃	
Casos	Porcentagens	Casos	Porc.	Casos	Porc.
Ob	34,7%	Ob	45,4%	Ob	19,0%
Or	10,9%	Fac-cont	18,2%	Ca	14,3%
Fac-cont	10,9%	Dat	18,2%	Rec-ben	9,5%
Ca	10,9%	Fac-ef	9,1%	Or	9,5%
Loc	6,5%	E	9,2%	Dat-met	9,5%
Fac-ef	4,3%			Dat-or	4,8%
Dat-met	4,3%			Rec-dest	4,8%
Dir-ext	4,3%			Dir-térn	4,8%
Rec-dest	2,2%			Dir-or	4,8%
Inst	2,2%			Dir-ext	4,8%
Dir-or	2,2%			Loc	4,8%
Dir-térn	2,2%			F	4,8%
Temp	2,2%			Inst	4,8%
E	2,2%				

Os dados acima são significativos na medida em que se proponha estabelecer uma *hierarquia casual* dos elementos integralizadores da significação verbal. Não constitui objetivo deste trabalho desenvolver tal estudo, todavia parece pertinente que se façam algumas observações em face desses resultados:

a) o caso *Objetivo* deverá ocupar o primeiro plano, numa possível hierarquização, não só pela sua predominância quantitativa como também pela seguinte regra: *Numa estrutura onde concorram P₂ e P₃, se houver um Ob este será P₂*. Caso não haja Ob, será obedecida a ordem dos casos que, no quadro acima, se apresentam em porcentagens decrescentes: Fac-cont/Dat > Fac-ef/E;

b) a ordem decrescente de incidência dos casos que representam P₂, e que são comuns às duas estruturas gerais — com dois e com três participantes —, não se altera numa e noutra estrutura, ou seja: Ob > Fac-cont/Dat > Fac-ef/E. Esse fato demonstra a tendência de realização desses casos e contribui para o estabelecimento de uma possível hierarquia;

c) os cinco casos referidos acima, acrescidos do Rec-dest e dos traços *meta* e *origem* para o Dat, são os únicos que não dariam margem para a classificação tradicional de *adjuntos adverbiais* ou a de *circunstanciais*, segundo Tesnière.⁽⁵⁵⁾ Eis aí um dado a mais a favor de se considerar esses casos como pertencentes a uma hierarquia superior;

d) atente-se, finalmente, para o fato de que tanto P₂ quanto P₃ só se realizam em

forma de SO caso sejam OB, Ca, Fac-cont, F e Or, assim distribuídos: nas estruturas com dois participantes (P_1 e P_2), P_2 se realiza como Fac-cont e Ca, com verbos de ação *externa*; como Ob, Fac-cont e Ca, com verbos de ação *interna*; como Ob e Or, com verbos de *percepção*; como Ob, com verbos de *estado*. Nas estruturas com três participantes (P_1 , P_2 e P_3), P_2 se realiza como Fac-cont, com verbos de ação *externa*, e como Ob, com verbos de ação *interna*; P_3 se realiza como Ob e F, com verbos de ação *externa*, e como Ob e Ca, com verbos de ação *interna*. Pela ordem decrescente de frequência, assim se distribuem P_2 e P_3 : $P_2 = \text{Ob} > \text{Fac-cont/Ca} > \text{Or}$; $P_3 = \text{Ob} > \text{Ca/F}$.

NOTA FINAL: As estruturas frasais aqui exemplificadas sintetizam uma amostragem correspondente a cerca de 20.000 frases analisadas de um "corpus" que abrange textos contemporâneos (1950 a 1984) dos vários gêneros: romance, conto, teatro, oratória, além de textos técnicos e jornalísticos.

IGNÁCIO, S.E. — Typology of the verb complements of contemporary Portuguese. *Alfa*, São Paulo, 29:67-90, 1985.

ABSTRACT: From a "corpus" consisted of about 20.000 sentences of the written language of contemporary Portuguese, including literary and scientific texts of the past 34 years (1950 to 1984), a reclassification of the verb complements, was proposed based on their syntactic-semantic relations with the verb, central nucleus of the sentence structure. Thus it was tried to demonstrate that the Portuguese sentence is structured according to a gradation of participants (verb complements), which are distributed in three levels or degrees, and that such participants actualize in the sentence according to a hierarchy related to their semantic roles.

KEY-WORDS: Verb complements; participants; dynamic of the verb process; verb movement; action; process; reception; perception; sensation; state; state shift; semantic case.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARRAIS, T.C. — *As estruturas sintático-semânticas dos verbos de movimento em português*. São Paulo, USP, 1974. (Tese - Doutorado).
2. BORBA, F.S. — *Teoria sintática*. São Paulo, T.A. Queiroz/EDUSP, 1979.
3. FILLMORE, C.J. — The case for case. In: BACH, E. & HARMS, R., eds. — *Universals in linguistic theory*. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1968.
4. FILLMORE, C.J. — Types of lexical information. In: KIEFER, F. ed. — *Studies in syntax and semantics*. Dordrecht, D. Reidel, 1969.
5. LIMA, C.H.R. — *Gramática normativa da língua portuguesa*. 16. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1973.
6. LYONS, J. — *Introdução à lingüística teórica*. Tradução de Rosa V.M. Silva e Hélio Pimentel. São Paulo, Nacional/USP, 1979.